

“A CIVILIZAÇÃO CHEGA À SELVA”: A OBJETIVAÇÃO DA NATUREZA PARA A CONSTRUÇÃO DO “BRASIL GRANDE”

MARRA, Juliana Ribeiro¹; **SERPA**, Élio Cantalício².

Palavras-chave: Natureza, Tecnocracia, Manchete, O Cruzeiro.

1. INTRODUÇÃO

Os discursos e debates acerca dos recursos naturais e, principalmente, da sua manipulação através da técnica e da ciência, trazem para o momento uma discussão que, ao menos no nosso país, não pode ser dissociada de um passado recente. Não podemos pensar a atual posição do Brasil no que se refere às questões do meio ambiente, por exemplo, sem levar em consideração a forma pela qual a natureza foi retratada, objetivada e pensada no governo tecnocrático que se instalou no país durante a ditadura militar brasileira (1964-1985). De acordo com isso, percebemos a necessidade de historicizar a concepção de natureza dentro de uma política que privilegiou a técnica e o progresso tecnológico em detrimento a uma outra política, bem mais latente hoje, de preservação e renovação do meio ambiente.

2. METODOLOGIA

Partindo da compreensão da máquina de propaganda do regime militar não como um aparelho ideológico (FICO, , nos preocupamos em como analisar essas formas de discursos que ganham materialidade. Para isso procuramos elaborar a melhor maneira de se detectar a relação discurso/sociedade, ou seja, compreender como o discurso se manifesta em uma formação histórica específica. O documento, no caso reportagens de caráter científico que abordavam a relação desenvolvimento/natureza, não pode mais ser encarado, como é feito pela historiografia tradicional, como uma matéria inerte através da qual o historiador tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram. Também não pode ser visto como um material a ser interpretado com o objetivo de perceber quais as verdades que se escondem por trás do que foi dito, tentando eliminar o que há de falso nos enunciados e indo em busca de um sujeito psicológico fundador do discurso. Acreditamos que o melhor dispositivo metodológico que podemos usar é o de tomar o documento como um discurso que ganha materialidade em uma formação social para tentar ver quais são as verdades que ele cria e os impactos que produz na sociedade.

É necessário deixar explícito que não é de nosso interesse fazer uma pesquisa que coloque as relações de poder de uma maneira hierarquizada, se prendendo às estratégias e leis decretadas por um poder político centralizado porque, se assim fosse feito, ficaríamos presos a uma análise repressiva do poder, perdendo de foco o projeto tecnocrático que se tentou implantar na sociedade. Para conseguirmos compreender esses dispositivos tecnocráticos, temos que fazer uma análise tentando ver como esses mecanismos técnicos de poder se espalham por todas as instituições que formam a sociedade, penetrando no cotidiano dos indivíduos e (des)construindo sujeitos propícios à configuração do poder. É com essa noção que estamos realizando a pesquisa, isto é, tentando compreender como o poder concebe e objetiva a natureza.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de O Cruzeiro e Manchete serem os meios de comunicação impressos de circulação nacional que cumpriam o papel de cooptar a população em torno do ideal da tecnocracia nos anos 70 num casamento entre mídia e governo, isso não foi regra geral entre todos os veículos de comunicação dessa espécie. É justamente por este motivo que essas duas revistas constituem-se como nossas fontes básicas de pesquisa, posto que nossa intenção é analisar como o governo militar objetivava a natureza ao mesmo tempo em que procuramos perceber como essa concepção específica almejava atingir à população em geral. O discurso produzido

por O Cruzeiro e Manchete acaba indo ao encontro da política tecnocrática adotada pelos militares que surge a partir da proposta desenvolvimentista. Politicamente, a revista Manchete se identificava com a corrente desenvolvimentista antiliberal industrializante do pensamento econômico e, embora O Cruzeiro se identificasse mais com a corrente de pensamento denominada neoliberal foi também uma grande incentivadora das propostas governamentais. Podemos dizer, através das reportagens, que as revistas apresentavam uma concepção de natureza que dizia que ela devia estar submetida à concepção econômica. O homem devia objetivar a natureza com a intenção única de explorá-la economicamente. Nesse período não existia ainda o que se chama hoje de uma consciência ecológica. De acordo com aquele imaginário, a natureza selvagem deveria ser dominada pela civilização. Nesse movimento o homem é encarado como um ser exclusivamente cultural, possuidor do saber da ciência e da tecnologia que possibilitam a ordenação total da natureza.

A natureza era percebida pelos tecnocratas que estiveram à frente do governo brasileiro durante o período da ditadura militar (anos 60/70) como algo a ser dominado economicamente, possibilitando a emergência do "Brasil Grande" ao lado do quadro das nações desenvolvidas. Esse projeto contou com o apoio da mídia que, em vários momentos, agiu como aparelho ideológico do Estado, mostrando de forma positiva e tendenciosa esse projeto de intervenção na natureza.

4. CONCLUSÃO

Contudo, essa objetivação específica não está presente na década posterior, pois em meados da década de 1970 a sociedade ocidental se viu diante de uma crise ambiental que a obrigou a mudar suas perspectivas em relação à natureza. Assim, no final da década de 1970 e início da década de 1980, começa a haver uma pressão, em âmbito nacional e internacional, com o objetivo de fazer nascer uma preocupação com o meio ambiente. Assim, no início da década de 1980, as reportagens encontradas nas revistas Manchete – sua concorrente, O Cruzeiro, só foi editada até meados da década de 1970 – começam a apresentar uma certa preocupação em relação à natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. e CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou manchete. Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Humanitas Publicações, Vol. 21, n.41, 2001. pp.243-264.

FICO, Carlos. Reinventando o Otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FOUCAULT. Michel. Arqueologia do Saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

¹ Bolsista de iniciação científica. Departamento de História, jumarra@hotmail.com

² Orientador / Departamento de História / UFG.